

Data: 06.06.2014

Título: Como vê o futuro da Europa?

Pub:

Diário **Económico**

OUTLOOK

clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 8

EUROPA



Paulo Figueredo

**Como vê o futuro da Europa?
“Com preocupação. A resposta
à crise tem sido incompetente”**

Área: 660cm² / 68%

FOTO Tiragem: 16.630

Cores: 4 Cores

ID: 4868029

No seu novo livro, Soromenho-Marques defende ainda que, "se Hollande se arrastar até 2017, Marine Le Pen terá fortes possibilidades de chegar ao Eliseu".

Na sua última reflexão sobre a Europa, Soromenho-Marques defende o federalismo como o único "software político que poderá "restabelecer a relação correcta de subordinação dos mercados ao primado da política". Deixa ainda recados à Alemanha: terá de perceber que, sem o mercado dos países latinos, a sua economia sofrerá e; "com as forças hostis que a fragmentação política da Europa libertaria, Berlim ficaria encurralada entre duas potências que a aniquilariam militarmente".

Diz que a "a Europa está em queda mas ainda não se despedaçou". O que tem de ser feito prioritariamente para a reconstruir? Mais do que optimista, o meu tom é de advertência. Precisamos de mudar de rumo com a máxima urgência. Teremos de refundar a União Europeia a partir do seu objectivo central, que é o da garantia da paz e dos direitos humanos fundamentais, incluindo os económico-sociais.

Como vê o futuro da UE?

Com muita preocupação. A resposta à crise tem sido incompetente. E os mecanismos políticos de comando criados, desde o Tratado Orçamental até ao Directório Berlim-Bruxelas, são monstruosos. Estamos a viver numa Europa devorada por uma 'doença auto-imune'.

O federalismo é um caminho inevitável?

O federalismo seria o caminho inteligente. Trata-se do único 'software' político que permite a existência de uma democracia constitucional num espaço tão acentuadamente plurinacional e pluriestadual como é o da União Europeia. A matriz do federalismo autêntico é o da experiência norte-americana. Contudo, a sua variante europeia teria muitas singularidades, respeitando as nossas diferenças e idiossincrasias. Só o federalismo poderia restabelecer a relação correcta de subordinação dos mercados ao primado da política e da vontade legítima dos cidadãos.

Defende um governo económico e monetário? Onde ficaria a soberania nacional?

Defendo o que os presidentes do Bundesbank defenderam até Mitterrand ter imposto o euro a Kohl. Para termos uma união monetária que funcione, precisamos também de ter uma união política, fiscal e orçamental. Precisamos de ter um governo constitucional europeu, eleito de-

mocraticamente, independente dos governos nacionais, capaz de emitir dívida. Precisamos de um BCE extirpado da sua cegueira anti-inflacionista e autorizado a comprar dívida pública europeia no mercado primário. Deveríamos ter feito tudo isto antes da UEM. Por isso, já não podemos perder mais tempo.

"A Alemanha manda, mas não lidera", escreve. Como é que isto se muda?

A Alemanha só irá assumir a responsabilidade que o seu poder lhe confere quando perceber que é do seu interesse não perder os aliados do lado romano. Sem o mercado dos países latinos a economia alemã sofrerá. Com as forças hostis que a fragmentação política da Europa libertaria, Berlim ficaria encurralada entre duas potências que a poderiam aniquilar militarmente. Numa Europa em convulsão e em empobrecimento, as armas nucleares da França e da Rússia voltariam a ser um argumento na relação desses países com a Alemanha.

O que devem fazer os países do Sul para se ouvirem na União?

Encontrar uma plataforma comum contendo os seguintes aspectos de acção: revisão do Tratado Orçamental, alterando as regras e os prazos do seu cumprimento; estratégia comum para a redução da dívida pública; exigência de um programa europeu, fortemente financiado, para o combate ao desemprego, em particular o juvenil; propor medidas concretas do BCE para combater a fragmentação financeira. Considere que ir mais longe, no sentido de uma revisão federal dos Tratados, só poderá ocorrer com uma Alemanha recuperada da sua actual deriva para a hegemonia defensiva.

Como vê a ascensão de partidos eurocéticos e de extrema-direita e com uma representação maior no Parlamento Europeu?

Como o início de uma contagem decrescente. Na hipótese, altamente improvável, do presidente Hollande se arrastar até 2017, Marine Le Pen terá fortes possibilidades de chegar ao Eliseu. Nessa altura, os franceses já terão provado o sabor amargo de dois anos e meio da austeridade imposta por Valls e pelo Tratado Orçamental. Com a eleição de Marine Le Pen, a União Europeia tem os dias contados. **Carla Castro**

"Precisamos de mudar de rumo com a máxima urgência. E refundar a União Europeia a partir

Data: 06.06.2014

Título: Como vê o futuro da Europa?

Pub:

Diário Económico

OUTLOOK

clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 8

**do seu objectivo central,
que é o da garantia da paz
e dos direitos humanos
fundamentais, incluindo
os económico-sociais”**



Portugal na queda da Europa

Autor: Viriato Soromenho-

-Marques

Editora: Temas e Debates

Páginas: 380

Preço: 17,70 €

QUEM É

**Viriato Soromenho-
-Marques**

Nascido em 1957, Viriato Soromenho-Marques tem tido uma colaboração regular na comunicação social escrita e audiovisual. Professor de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é investigador nas áreas de Assuntos Europeus e Filosofia Política, em especial sobre os fundamentos teóricos do federalismo, e ambiente. Entre os estudos sobre temas europeus destacam-se os ensaios “Europa: O Risco do Futuro”, “Europa: Labirinto ou Casa Comum” e a coordenação da obra “Cidadania e Construção Europeia”.